

JOAQUIM ANTÓNIO LEAL MARTINS (1942 - 2013)

Luciano Lourenço

Departamento de Geografia e CEGOT
 Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra
luciano@uc.pt

27

O capitão de mar e guerra Joaquim António Leal Martins, era natural de Orca, terra de que muito se orgulhava, uma freguesia portuguesa do concelho do Fundão e do distrito de Castelo Branco, onde nasceu a 12 de dezembro de 1943, tendo-se licenciado em Engenharia Mecânica Naval, na Escola Naval, e realizado diversas formações complementares de entre as quais destacamos os cursos de: *Planning and Production Advisor*, na Universidade de Monterey, Long Beach Naval Shipyard, Estados Unidos da América (1978-1980) e o de *Project Analysis and Management Control*, na Manchester Business School, de Inglaterra (1981).

O seu vasto conhecimento permitiu-lhe leccionar várias disciplinas em diversas instituições, designadamente as de *Termodinâmica*, na Escola Náutica, no ano letivo de 1969-1970, de *Matemática e Física*, na Escola de Mecânicos da Armada, no ano letivo de 1973-1974, de *Turbomáquinas e Motores Térmicos* que criou em 1980 e leccionou na Escola Naval. Mais tarde, em 1987, leccionou no Curso de Gestão da Manutenção, da Universidade dos Açores, e em 1998 regeu *Análise do Valor*, no Instituto Politécnico de Viana do Castelo. Entretanto, de 1985 a 1995, também participou como formador em vários cursos do ISQ (Instituto de Soldadura e Qualidade), tendo leccionado a disciplina de Manutenção condicionada (“Condition Monitoring”).

Por sua vez, a sua grande experiência e saber permitiu-lhe criar algumas empresas, concretamente, em 1983, a ORGPLAN - *Organização e Planeamento Industrial*, para realizar Consultadoria na área de organização, métodos e planeamento, tendo sido seu Diretor-Geral e, em 1986, a HIDROGAL - *Hidrocarbonetos de Portugal*, destinada à Comercialização de Combustíveis e Lubrificantes, de que foi Gerente. Mais tarde, participou na fundação da *Action Modulers*, outra empresa de Consultadoria, mas, desta vez, mais voltada para a Área da Gestão Integrada de Ativos (Valor-Risco-Segurança).

Dedicou-se, de igual modo, ao desenvolvimento de vários projetos, que se destacam pela sua diversidade, nos quais desempenhou as funções de Gestor no Projeto *Organização e Gestão Integrada de Ativos*, que foi desenvolvido em 1997, para a DIN - *Direção das Infraestruturas Navais*, da Marinha Portuguesa e, nos anos seguintes, a função de Consultor, primeiro, em 1998, do BPI para a Avaliação da Tabaqueira, com vista à sua aquisição pela *Philip Morris*, bem como dos Estaleiros Navais de Viana do Castelo, SA, com o objetivo da reorganização do estaleiro. Depois, em 1999, da Petrogal, para Avaliação da Petrogal/Galp, tendo em conta a hipótese de Fusão com a Transgás, e, em 2000, da *American Appraisal*, SA, uma empresa ligada à gestão de ativos durante a recuperação de desastres.

Nesse mesmo ano de 2000 foi, também, Vice-Presidente da DANOTEC, Defesa e Novas Tecnologias, uma Associação das Indústrias de Defesa.

Mais tarde, a 2 de abril de 2003, tomou posse como Presidente do recém-criado Serviço Nacional de Bombeiros e Proteção Civil (SNBPC), num clima envolto em alguma polémica resultante da extinção dos três organismos que deram origem àquele Serviço: ex-Serviço Nacional de Proteção Civil (SNPC), ex-Serviço Nacional de Bombeiros (SNB) e ex-Comissão Nacional Especializada de Fogos Florestais (CNEFF), situação que se agravou com os muitos e grandes incêndios florestais que, também devido a condições meteorológicas excepcionais, nesse ano devastaram mais de 425 mil hectares de superfície com aptidão florestal, o que corresponde a cerca de 8% da área florestal portuguesa, ano que se revelou muito traumático e que ficou registado nas estatísticas como sendo aquele que, até ao presente, teve a maior área ardida desde que há registos, além de que esses incêndios também provocaram 21 mortos e levaram à detenção de cerca de uma centena de pessoas, suspeitas de fogo posto.

Como seria de esperar nestas circunstâncias, para serenar os ânimos em resposta à contestação de que estava a ser alvo, o responsável pela estrutura de combate aos incêndios florestais assumiu as fragilidades do sistema de defesa da floresta contra incêndios, que obviamente não eram de sua exclusiva responsabilidade, e revelando um grande sentido de Estado, apresentou a sua demissão a 29 de setembro desse mesmo ano.

Depois, regressou à sua atividade de Consultoria, designadamente no sector de Construção e Reparação Naval, da LISNAVE, SA, e continuou a colaborar com a *Action Modulers*, tanto como consultor em projetos multidisciplinares, como na criação e marketing de novos produtos.

Estabeleceu o seu primeiro contacto com a RISCOS durante a realização do IV Encontro Nacional de Riscos, que decorreu em Coimbra, no dia 10 de março de 2008, e, no ano seguinte, participou no I Congresso Internacional e V Encontro Nacional de Riscos, que também decorreu em Coimbra, entre 29 e 31 de Maio de 2009, intervindo na Mesa Redonda sobre *Proteção Civil, Prevenção e Socorro*, na óptica dos ex-Presidentes do Serviço Nacional de Bombeiros e Proteção Civil, em que proferiu uma conferência sobre *Proteção Civil: Importância da análise e gestão de riscos na Prevenção, Socorro e ... Reabilitação*.

O interesse suscitado por esta conferência, junto da generalidade dos participantes no Encontro, levou-me a pedir-lhe que a passasse a letra de forma, pedido a que anuiu após alguma troca de impressões que o ajudaram a vencer alguma hesitação, decorrente da normal resistência inicial. Passados alguns meses, enviou-me um longo manuscrito, acompanhado de um pedido muito concreto e objetivo, depois de ler o manuscrito deveria expressar-lhe a minha opinião sobre o texto.

Algum tempo depois, acabei por lhe transmitir o resultado da minha leitura, enviando-lhe um conjunto de sugestões, referentes a diversas possibilidades de alteração, umas de pormenor e outras mais substanciais, do mesmo modo que lhe teci alguns comentários contendo indicações sobre os aspetos que me pareciam mais discutíveis. Ele entendeu que esse contributo era de tal forma relevante para o trabalho que este deveria merecer uma substancial remodelação e, por conseguinte, deveria ser elaborado em coautoria, o que acabou por vir a acontecer, face à sua insistência. O texto inicial sofreu cortes e uma profunda remodelação, no sentido de o tornar mais homogéneo e sempre com a preocupação de não o deixar demasiado extenso, tendo acabado por ser publicado no número 16 da revista *Territorium*, com um número de páginas ligeiramente superior ao normal, da 191 à 217, e tendo por título "Os riscos em Proteção Civil. Importância da análise e gestão de riscos para a Prevenção, o Socorro e ... a Reabilitação" (http://www.uc.pt/fluc/nicif/riscos/Documentacao/Territorium/T16_artg/T16art19.pdf).

A troca de informações entretanto gerada, na produção deste artigo, com o então oficial aposentado da Armada Portuguesa, Comandante Leal Martins, fez com que ele se tivesse aproximado da RISCOS, ao ponto de se tornar associado e, como consequência do seu afã em divulgar e querer promover a Associação, teve comigo várias reuniões no final do ano de 2009, em que analisámos e fomos afinando a sua "ideia", a qual, depois, viria a ser trabalhada pela Direção da RISCOS. Fruto deste trabalho preparatório, no ano seguinte, passou a integrar a lista candidata à Direção da RISCOS, na qualidade de Vice-Presidente, cargo que veio a ocupar durante o triénio 2010-2012.

Os primeiros meses desse ano de 2010 foram de intensa atividade, com pelo menos uma reunião mensal da Direção, com vista à organização e implementação dessa "ideia" geral, que fora apresentada no Plano Geral de Atividades para o ano de 2010.

Ora, a "ideia", sendo ambiciosa, comportava a realização de várias atividades que, embora tivessem sido planificadas, por implicarem um suporte financeiro que seria necessário criar porque implicavam parcerias e o envolvimento de entidades terceiras, não era possível realizar de imediato.

Face a essas dificuldades, o Comandante Leal Martins estabeleceu diversos contactos com vários organismos, entidades e empresas nesse sentido, no sentido de obter financiamento, pois estava muito motivado e empenhado na concretização da sua ideia, mas, o agudizar da crise não permitiu a realização de algumas promessas que lhe foram feitas e, com o passar do tempo, o seu dinamismo foi esmorecendo, perante a impossibilidade de transformar esse seu sonho numa realidade exequível a curto prazo.

Apesar de diversos contratemplos, esse período inicial correspondeu a uma intensa atividade da RISCOS, cujo ponto alto foi a realização, uma vez mais em Coimbra, do II Congresso Internacional e VI Encontro Nacional de Riscos, que decorreu de 22 a 25 de maio. O Comandante Leal Martins participou muito ativamente na sua preparação, integrando a Comissão Organizadora, e nele apresentou a sua perspetiva sobre uma "*visão moderna da gestão dos riscos públicos (emergências)*", comunicação que, pelo seu interesse e atualidade, mereceu um amplo debate que se prolongou pelo intervalo, depois da sessão ter terminado.

Algo desiludido por, nos anos seguintes, não conseguir concretizar algumas das suas ideias, muito em resultado da instalação da crise, foi reduzindo a sua atividade na Associação, para o que também contribuiu o desafio de uma nova ocupação, desta vez relacionada com o Porto de Maputo, razão pela qual no último ano do mandato, passou a ausentar-se para esse país por alguns períodos de tempo, afastamento que contribuiu para que os contactos fossem diminuindo.

No entanto, a partir de certa altura, estranhávamos que, ao contrário do habitual, não desse resposta às nossas mensagens, mas, admitindo que continuasse em Moçambique, envolvido nos novos projetos, imaginámos que tal se devesse à distância.

Com imensa surpresa, recebemos uma mensagem de sua filha, datada de 15 de abril de 2014, em resposta à convocatória que, a 11 de março, lhe tínhamos enviado para a Assembleia Geral da RISCOS, dando-nos uma notícia que julgava não ser, como efetivamente não era, do nosso conhecimento: “o meu pai faleceu em janeiro de 2013”.

Ainda hoje me interrogo como é possível que, numa sociedade dita da informação e da comunicação, seja necessário que decorra quase ano e meio para se vir a saber do falecimento de um associado.

Já que não nos foi possível acompanhá-lo nos últimos tempos da sua vida, nem sequer participar nas suas exéquias fúnebres, queremos deixar aqui expressa a nossa gratidão pelo que fez e, sobretudo, pelo que pretendia fazer da RISCOS e, ao mesmo tempo, testemunhar a nossa admiração por este “Homem simples”, mas profundo conhecedor de matérias complexas e, sobretudo, pelo “grande amigo” que perdemos.



J. Leal Martins, em julho de 2011.